

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
À FLOR DA PELE
16 de agosto de 2025

KHANEH SIAH AST / 1962
(“A Casa é Negra”)

um filme de Forough Farrokhzad

Argumento, Montagem e Realização: Forough Farrokhzad / Textos extraídos do antigo testamento – Voz: Forough Farrokhzad / Texto documental escrito e dito por Ebrahim Golestan / **Imagem:** Soleiman Minassian / **Som:** Mahmoud Hangval, Samad Pur-Kamali / **Assistentes:** Hand Minassian, Amir Karrari / **Produção:** Golestan-Film por encomenda da Sociedade de Apoio aos Leprosos (Irão, 1962) / **Produtor:** Ebrahim Golestan / **Cópia:** DCP (original em 35mm), preto e branco, legendada em inglês e eletronicamente em português / **Duração:** 22 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: Ciclo “O que é programar uma Cinemateca hoje?”, a 8 de Janeiro de 2011.

KHANEH SIAH AST é apresentado com L’ORDRE (“folha” distribuída em separado).

Khaneh Siah Ast é o único filme da mais famosa poetisa iraniana, Forough Farrokhzad. Nele Farrokhzad registará de um modo único o quotidiano de uma comunidade de leprosos junto de Tabriz, a capital do Azerbaijão Ocidental. Obra impressionante, **Khaneh Siah Ast** partirá assim de uma realidade bem concreta para abordar todo um conjunto de questões mais vastas sobre a própria sociedade iraniana. Farrokhzad é sobretudo conhecida pela sua obra literária, que faz dela o maior vulto feminino da literatura persa e uma das vozes mais revolucionárias no Irão, não obstante ter morrido bastante jovem num acidente de automóvel, quando contava apenas trinta e dois anos. Em 1958 Farrokhzad conheceu Ebrahim Golestan, colaborando em vários dos seus projectos e iniciando assim a sua relação com o cinema. A sua primeira experiência surgiu quando participou na referida montagem de **Yek Atash**/“Um Fogo” e várias foram as funções que assumiu em diferentes filmes produzidos por Golestan no final da década de 50 e início dos anos 60 antes de, em 1962, juntar vários elementos da produtora do seu companheiro e viajar até à colónia de leprosos de Tabriz para filmar **Khaneh Siah Ast**, produzido por Ebrahim Golestan.

Khaneh Siah Ast foi filmado com uma equipa muito pequena em apenas doze dias. Experiência muito curta que gerou uma obra de uma amplitude monumental, e uma experiência que teve ainda consequências imediatas na vida da escritora, uma vez que Farrokhzad chegou a adoptar uma das crianças que aparecem no filme após o final da rodagem. Se Farrokhzad aborda um tema particularmente controverso e difícil, dado tratar-se de uma comunidade de leprosos que, em 1962, vive num grupo fechado e completamente à margem da sociedade, fá-

lo de um modo extremamente justo e possuidor de uma força única, que o crítico Jonathan Rosenbaum tão justamente designou como “humanismo radical”. Humanismo é o termo certo para descrever o imenso poder do filme que, como diz Rosenbaum, estará longe de tudo o que se conhece no cinema ocidental, uma vez que Farrokhzad filma os leprosos com toda a sua dignidade, sem ceder à compaixão. Um gesto semelhante será realizado vários anos mais tarde por outro grande poeta do cinema, Jean-Daniel Pollet, que em **L’Ordre** (1974) retrata de um modo igualmente único o quotidiano numa colónia de leprosos em Spinalonga. Um eco distante de uma realidade cruel, que em 1974 ainda não havia sido erradicada.

Contudo, a originalidade de **Khaneh Siah Ast** ultrapassa em muito a sua temática e a forma como esta é abordada. Documentário contaminado pela ficção, terá sido o primeiro filme iraniano a usar partes captadas em som directo, ao mesmo tempo que antecipa muitas das características que iremos encontrar em trabalhos posteriores de cineastas como Abbas Kiarostami, um dos grandes apreciadores deste filme, que recorre frequentemente à poesia de Farrokhzad nos seus próprios filmes (o título “O vento levar-nos-á” é retirado de um dos seus poemas). Características que colocam **Khaneh Siah Ast** entre as grandes obras da nova vaga do Irão, e que fazem com que Mohsen Makhmalbaf, um outro grande cineasta iraniano, descreva **Khaneh Siah Ast** como “o melhor filme iraniano que irá influenciar o cinema contemporâneo deste país”.

Recuamos ao início de **Khaneh Siah Ast** em que a câmara se detém sobre uma série de rostos que nos olham, imagens acompanhadas por poderosas frases extraídas do Antigo Testamento, ditas pela própria voz da cineasta. São rostos que não esqueceremos e que regressam outra e outra vez, como regressam outras imagens e uma repetitiva cantilena entoada sem cessar, num filme a duas vozes (a outra é de Golestan), que prolongam muitas outras vozes que raramente se fazem ouvir.

Guardamos de **Khaneh Siah Ast** alguns dos momentos mais belos de cinema, como estes ou a sua sequência final em que o professor, face a uma turma repleta de alunos, pergunta a uma das crianças porque deve agradecer a Deus por nos dar um pai e uma mãe, e esta responde: “Não sei, não me deu pai nem mãe”. Posição incómoda que se prolonga na questão seguinte, quando pede a outros alunos que designem coisas belas e coisas feias, e entre as feias são nomeadas as várias partes do corpo. Palavras seguidas por imagens de alguns dos presentes que riem candidamente, exemplares de toda a força que de um filme que insiste na circularidade de um tempo cíclico. Como tão bem escreveu Jonathan Rosenbaum, “se a nova vaga iraniana começa com **Khaneh Siah Ast**, é impossível imaginar até onde irá.”

Joana Ascensão